

FRANKLIN MARTINS



de Brasília

FH e a economia

• O presidente Fernando Henrique está otimista em relação à economia e não vê motivo para nervosismos. Discorda daqueles que consideram o real supervalorizado e apontam o perigo de uma crise cambial a médio prazo. Tampouco dá crédito aos que sugerem que o país meteu-se numa camisa-de-força ao assentar a estabilidade da moeda nas âncoras cambial e monetária. Ele acha que os profetas da catástrofe vão quebrar a cara.

Dois anos depois do advento do Plano Real, Fernando Henrique acha que o resultado é francamente positivo. A inflação deve ficar este ano em torno de 12%, a memória inflacionária já não é tão forte como antes e houve expressiva transferência de renda para os segmentos mais pobres da população. Tudo isso, destaca o presidente, foi atingido sem que o país tivesse de atravessar uma recessão. Quando muito, houve a necessidade de meter o pé no freio, promovendo restrições ao crédito e à massa de dinheiro em circulação, quando a explosão de consumo do ano passado, não amparada num aumento correspondente da produção, ameaçava detonar uma nova corrida de preços. As medidas tomadas afastaram esse perigo, embora, em contrapartida, tenham provocado também queda na atividade econômica, o que, na opinião do presidente, foi ruim mas não chegou a ser um Deus-nos-acuda. Os últimos indicadores estariam mostrando que essa fase ficou para trás. Ele garante que no segundo semestre a economia crescerá a índices que, se anualizados,

constitucionais que permitem gratificações automáticas e aposentadorias onerosas e injustificadas. Isso é algo que só pode ser eliminado com as reformas da Constituição, que patinam no Congresso. No que depende do Executivo, o que podia ser feito foi feito, tanto que o reajuste do funcionalismo este ano foi zero. O presidente diz isso em tom de desafio aos que o acusam de não resistir com mais empenho à gastança. Não deixa de ter razão. Que empresário está há um ano e meio sem dar um centavo de aumento a seus empregados?

Fernando Henrique comemora também o fato de que, embora até agora não tenha sido aprovada a reforma administrativa, muitos governadores e prefeitos arregaçaram as mangas e encontraram soluções criativas para enxugar seus gastos com funcionalismos. O ajuste em estados e municípios estaria começando a dar resultados e não demoraria a beneficiar indiretamente a União, que, mal ou bem, acaba sempre tendo que pagar parte da conta das outras esferas do Executivo.

atingiriam 4%.

Os juros andaram altíssimos e ainda estão altos, admite o presidente, mas já caíram bastante. Os títulos que o Governo está lançando hoje estão remunerando seus compradores em torno de 1,9% ao mês. Como a inflação média mensal tem girado em torno de 1%, não se poderia mais dizer que os juros estão na estratosfera. Mas o próprio Fernando Henrique não admitiu em sua recente viagem à França que os juros no Brasil são escorchantes? Ele explica que o problema deve-se não aos juros primários, aqueles pagos pelo Governo aos tomadores de seus papéis, mas às regras rígidas do compulsório, que enxugaram o dinheiro em circulação. Como o Banco Central estaria abrindo aos poucos a torneirinha, o presidente acredita que haverá um alívio na situação e a queda na taxa de juros primários repercutirá nas taxas de juros que bancos e financeiras cobram de empresários e consumidores. É ver para crer.

O segundo gargalo é o do ajuste fiscal. O presidente também acha que foram feitos progressos extraordinários nessa frente. Do ponto de vista da arrecadação, ele recorda que a Receita Federal vem recolhendo em torno de R\$ 8 bilhões mensais. No Governo Itamar, quando se atingiu a marca de R\$ 4 bilhões, o fato foi saudado como um acontecimento histórico. Do ponto de vista dos gastos, os custos com pessoal, que deram um salto espetacular devido aos aumentos autorizados pelo Governo passado, só não estão sendo inteiramente contidos por causa de dispositivos legais e mesmo

U presidente registra ainda que a queda da taxa de juros dos títulos lançados pelo Governo, aos poucos, também ajudará a diminuir os gastos públicos, embora esta seja uma frente onde os resultados são lentos, porque os títulos resgatados hoje ainda são remunerados com taxas contratadas no ano passado. Tudo somado, diz Fernando Henrique, o diabo não é tão feio como pintam os economistas. Nossa déficit fiscal deve ficar este ano em torno de 2,5% do PIB, contra 5% de 1995. A Comunidade Européia põe para seus membros a meta de 5%.

Em suma, o presidente está convencido de que o Real vai bem de saúde e a economia está em recuperação. Em relação ao desemprego, que, segundo ele, nunca teria atingido níveis alarmantes em seu Governo, o pior já teria ficado para trás. A razão do otimismo do presidente está no crescimento dos investimentos na economia, especialmente externos. Nos primeiros seis meses deste ano, os investimentos externos na atividade produtiva chegaram a US\$ 4 bilhões. Estima-se que até dezembro atingirão entre US\$ 8 bilhões e US\$ 10 bilhões. No primeiro semestre do ano passado, eles se limitaram a US\$ 900 milhões.

Para Fernando Henrique, portanto, a situação da economia é boa, em termos imediatos. Ele é mais otimista ainda em relação ao futuro. E sobe o tom de suas críticas aos economistas:

— Eles não sabem levantar a cabeça e olhar lá para a frente.

Sobre o que pensa Fernando Henrique do futuro, falaremos amanhã.